

## O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO AUXÍLIO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO TEMA TRANSVERSAL MEIO AMBIENTE<sup>1</sup>

Wagner da Cruz Silva<sup>2</sup>  
Carlos Alberto Vasconcelos<sup>3</sup>



### RESUMO

Refletir sobre as práticas sociais, em um contexto globalizado, marcado entre outros fatores pela degradação do meio ambiente é tarefa necessária e imprescindível. Neste sentido, o referido texto discorre questões pertinentes ao meio ambiente, e mais especificamente sobre a educação ambiental. Apresenta uma análise do desenvolvimento das questões ambientais em uma escola no sertão sergipano, descrevendo atividades desenvolvidas por alunos no tocante a preservação, cuidados e conscientização com o meio ambiente. É um texto resultante de pesquisa bibliográfica, extraído de um trabalho monográfico de Especialização, com cunho prático para embasamento das teorias sobrepostas. Constatou-se que a EA deve ser acima de tudo, um ato político voltado para a transformação social da população envolvida, criando hábitos e comportamentos pertinentes a uma conscientização e sensibilização.

**Palavras-chave:** Escola, Meio Ambiente, Práticas Ambientais

---

<sup>1</sup> Texto extraído da monografia intitulada: Práticas de Educação Ambiental no Colégio Estadual Manoel Messias Feitosa, em Nossa Senhora da Glória/SE, do Curso de Especialização em Educação Ambiental da Faculdade Atlântico, em 2008, sob orientação de Carlos Vasconcelos

<sup>2</sup> Graduado em Geografia, Especialista em Educação Ambiental e professor das redes estaduais de Sergipe e Alagoas- wagner.aju27@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Profº do Ensino Superior e Doutorando em Geografia-geopedagogia@yahoo.com.br

## 1. Introdução

O mundo “pós-moderno” faz suscitar um processo extremamente acelerado e competitivo em que à sociedade, com a contribuição da mídia, leva-nos a consumir cada vez mais, sem padrões de comportamento. Todos os dias são colocados novos produtos no mercado, criando novas necessidades de consumo. E, quanto mais se fabrica mais se consome, mais recursos naturais e energéticos são utilizados, e o volume do lixo enviado aos aterros cresce bastante. Na educação, torna-se necessária, e é viável, uma reestruturação progressiva das culturas que ao longo da história investiram em processos que implicaram o empobrecimento dos recursos e das fontes básicas da vida.

Nesse sentido, a Educação Ambiental é apresentada como um instrumento de minimização e/ou de solução dos problemas ocasionados pelo lixo e pelos compostos químicos lançados ao meio ambiente, os quais estão ocasionando uma forte e rápida degradação deste.

Como exemplificação de práticas desenvolvidas, especificamente na escola, tem-se O Projeto Educativo e Cultural “I Mostra Cultural e Recreativa sobre Meio Ambiente”, que acontece anualmente no Colégio Estadual Manoel Messias Feitosa, funcionando como uma ferramenta a mais entre os responsáveis pela educação escolar/cultural, realizado entre os seus participantes, através de uma programação elaborada dinamicamente, com base nos PCNs Arte e Meio Ambiente, e dos objetivos traçados pelos professores.

O evento tem como objetivos propiciar à comunidade escolar reflexões a respeito dos problemas ambientais; capacitar multiplicadores para implementação de ações que visem à gestão integrada de resíduos; buscar multiplicadores para o processo de educação/conscientização da população sobre a importância da redução, reutilização e reciclagem de resíduos; sensibilizar os educadores sobre a importância da educação ambiental; desenvolver hábitos de respeito e preservação do meio ambiente; possibilitar ao educando conhecer algumas possibilidades para a confecção de materiais lúdico-pedagógicos; permitir aos educandos fazer uma avaliação a respeito da necessidade de se pensar na qualidade de vida e das relações em grupos sociais; dar vida a um momento permitindo que se transformem sentidos das atividades escolares em algo prazeroso; realizar atividades práticas que permitam ao aluno ser agente transformador e

preservador do meio ambiente e procurar desenvolver no aluno habilidades para trabalhar com sucatas.

Sabemos que os PCNs se prestam a orientar o planejamento escolar e as ações de reorganização do currículo, destinado a formar os alunos em cidadãos dos novos tempos. Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais induzem que:

a educação ambiental é algo essencialmente oposto ao adestramento ou à simples transmissão de conhecimentos científicos, constituindo-se num espaço de troca desses conhecimentos, de experiências, de sentimentos e energia. É preciso então lidar com algo que nem sempre é fácil, na escola: o prazer. Entre outras coisas, o envolvimento e as relações de poder entre os atores do processo educativo são modificados (BRASIL MEC-SEF, 1998:182).

Sabemos que a Educação Ambiental deve ser um processo contínuo, pois trabalha, principalmente, em relação à mudança de hábitos e comportamento do indivíduo.

Diante do exposto, este texto elucida práticas de educação ambiental no Colégio Estadual Manoel Messias Feitosa e sua importância na formação de novos cidadãos capazes de modificar seu espaço geográfico e produzir uma relação harmoniosa com a natureza. A temática escolhida permitirá analisar as práticas de educação ambiental no mencionado colégio, sobretudo as realizadas no ano de 2007. Nesse intuito será necessário identificar como a EA está inserida no currículo escolar; quais são as práticas da EA no Colégio Estadual Manoel Messias Feitosa, como os PCNs apresentam a temática EA e como esta vem sendo aplicada, e verificar como as disciplinas trabalham o conteúdo específico (em conjunto ou separado) e dessa forma identificar quais são os aspectos positivos e negativos, possibilitando uma intervenção muito mais eficiente no próximo ano, através da correção ou readaptação do que for necessário para a construção de uma escola compromissada com uma educação de qualidade, via educação ambiental.

A metodologia utilizada compreende-se através da revisão de literatura em que ficou evidenciada a prática pedagógica como importante ferramenta de mudança de paradigma e visões de mundo, da mesma forma que possibilita a construção de uma identidade sócio-ambiental. Evidenciaram-se também os problemas atuais decorrentes da degradação do meio ambiente e o desenvolvimento da sociedade.

## 2. A Revolução Industrial e Capitalismo: Implicações no Meio Ambiente

Nessa perspectiva, faz-se necessário contextualizar a sociedade atual, de forma simplória, enveredando pelo sistema político e questão ambiental.

Foi a partir da Revolução Industrial que a poluição passou a constituir um problema para a humanidade. É evidente que já existiam anteriormente exemplos de poluição, mas a intensificação desse fenômeno aumentou muito com a industrialização e urbanização, e a sua escala deixou de ser local para se tornar global. Isso não apenas porque a indústria é a principal responsável pelo lançamento de poluentes no meio ambiente, mas também porque a Revolução Industrial representou a consolidação e a mundialização do capitalismo, sistema sócio-econômico dominante hoje no espaço mundial.

Contudo, é importante considerar-se que o capitalismo é um sistema econômico voltado para a produção e acumulação constante de riquezas. Assim, torna-se necessário esclarecer os conceitos de capitalismo e meio ambiente. Para WEBER (2003: 62):

O sistema capitalista precisa tanto dessa devoção à vocação para fazer dinheiro, dessa atitude voltada para os bens materiais tão bem adaptados ao sistema e tão intimamente ligados às condições de sobrevivência na luta econômica pela existência [...] [que] quem quer que não adapte seu modo de vida às condições do sucesso capitalista é, sobrepujado ou, pelo menos, é impedido de subir.

Por outro lado, segundo Houaiss e Villar (2001: 1883), meio ambiente representa o “conjunto de fatores físicos, biológicos e químicos que cerca os seres vivos, influenciando-os e sendo influenciados por eles”.

Soa, então, estranho entender como idéias tão antagônicas convivem paralelamente. A problemática está no fato de que não existe essa necessária harmonia, resultando numa destruição crescente no lado mais frágil – a natureza. “Se os impactos ambientais excedem a capacidade de carga, eles se tornam irreversíveis e podem causar tremenda degradação ambiental” (Oliveira *apud* BARBOSA & ZOUAIN 2004: 25).

É de suma relevância a discussão da relação entre o avanço do sistema econômico capitalista e a experiência destrutiva ao meio ambiente, tentando compreender como tal modelo pode conquistar mais adeptos com a negação da própria vida. Se há décadas, discursar sobre a natureza ecoava como algo de interesse apenas de ambientalistas e apocalípticos, a atualidade mostra que não se cresce indo ao rumo

inóspito e sem qualquer tipo de sobrevivência digna. “Em dez anos, o nível do mar subiu tanto, que dezenas de ilhas oceânicas ficaram completamente alagadas. E a água potável do planeta diminuiu em uma velocidade assustadora” (VENCESLAU, 2002: 29).

Diante da aclamação de ajuda da natureza, a questão é compreender como o capitalismo consegue alastrar-se, destruindo a vida ao seu redor; ocasionando o impacto direto e indireto desse sistema na vida ambiental; a reação do meio vegetal e animal ao avanço do capitalismo; por fim, a real eficácia do desenvolvimento sustentável.

Vivemos uma crise ambiental que traz como reflexo, entre outros fatores, fenômenos como as secas, enchentes, clima descontrolado, aquecimento global, poluição, todos eles acelerados pelo desmatamento que se enfrenta no planeta diante da irracionalidade no uso dos recursos naturais. Sem qualquer tipo de pessimismo, os conflitos ambientais avançam em progressão geométrica como uma resposta agressiva em decorrência da inadequada utilização e pelo desrespeito à vida, principalmente quando não se tem algum retorno dos responsáveis pela convivência entre o homem e o meio ambiente. “Somos o maior poluidor do mundo. Mas, se for necessário, vamos poluir ainda mais para evitar uma recessão na economia americana” (BUSH *apud* VENCESLAU, 2002: 30).

Diante da supracitada frase dita pelo ainda atual presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, na época do rompimento do Protocolo de Kioto, percebe-se como o capitalismo, representado pela nação mais rica e influente do mundo, responde aos ditames da riqueza, menosprezando qualquer espécie de seqüela definitiva ao meio vegetal e animal.

SILVEIRA ([s.d.], [n.p.]) confirma essa idéia ao anunciar:

Os países avançados, que, por sua vez, também são os maiores poluidores do planeta, em geral se comprometem muito timidamente em assinar algum acordo internacional que estipule redução na emissão de poluentes, pois isso significa despesas para as indústrias.

Apesar da Conferência de Estocolmo (1972), da Rio-92 (1992), do Protocolo de Kioto (1997) e da Rio+10 (2002), a aplicabilidade do conceito de desenvolvimento sustentável ainda parece algo distante, mesmo que “grande parte das grandes indústrias,

inclusive as dos Estados Unidos, adotem práticas saudáveis como estudos de impacto ambiental” (VENCESLAU, 2002: 28). Ainda se precisa reconhecer que:

As conferências da ONU [Organização das Nações Unidas] sobre meio ambiente realizadas até hoje e o conceito de desenvolvimento sustentável não passam de tímidas intenções de minimizar os efeitos da degradação ambiental em vez de combater suas causas. Diante do capitalismo, o conceito de desenvolvimento sustentável é insustentável. [...] Discutir preservação ambiental significa discutir também concepção de sociedade (SILVEIRA, [s.d.], [n.p.]).

6

Percebe-se o quanto o capitalismo ignora toda a realidade a sua volta em prol de uma desenfreada lucratividade. Como consta em MALERBA ([s.d.]: 10),

as crises econômicas aliadas às ideologias de liberalização da economia e desregulação fizeram emergir com força um discurso de aceitação dos custos ambientais como alternativa à manutenção de postos de trabalho e geração de divisas. Mais [do] que nunca o discurso ambientalista foi acusado de impedir o desenvolvimento [...] de forma a tornar a crise econômica uma vitória para o próprio capital, que pôde continuar poluindo e mantendo sua lucratividade.

Desse modo, o capitalismo configura-se como um personagem positivo por promover ainda mais lucro aos ricos e trazer o discurso do progresso e da empregabilidade aos mais pobres, entendendo-se por que cresce o número de adeptos ao seu sistema, apesar da deteriorização da vida ambiental. Sem questionamentos, o uso inadequado dos recursos naturais causa a destruição e a extinção do meio, impossibilitando a reversão dos danos em possíveis projetos de revitalização e reflorestamento, por exemplo.

Para retroceder essa dicotomia, é necessária ainda muita perseverança, como assinala (ACPO, 1999 *apud* MALERBA, [s.d.]):

...porque essa luta, todos sabem é desigual, [...] e é de suma importância que ganhemos essa batalha, pois ela é mais um elo na luta contra a exploração e [a] degradação [...] em benefício de muitos capitalistas que, com espírito egoísta, procuram o lucro a qualquer preço.

Entretanto, a causa não deve ser abandonada, já que o homem só tem esse planeta para viver e, sem a conservação do meio ambiente, vai destruir sua própria vida.

Dessa forma, é necessário se construir uma sociedade ecologicamente correta de maneira sustentada; porém, a idéia de um desenvolvimento sustentável necessita ser pensada em termos de uma ética que se fundamente no princípio da sustentabilidade. Este aspecto leva-nos a algumas reflexões, dentre as quais destacamos duas: primeiro, negar a possibilidade de algo mau ser erradicado da sociedade, cujo funcionamento se assenta sobre a base da disfunção, do acidente, do catastrófico, do irracional. Contudo, esta sociedade é real, e negá-la seria sacrificá-la em nome da sociedade ideal e da perspectiva religiosa da salvação; segundo, relativizar as noções de bem e de mal, de oposição substantiva entre certo e errado.

Pensar em termos éticos, hoje, seria abrir mão dos parâmetros tradicionais do pensamento em que se espera que tudo vá se aperfeiçoar e evoluir para o ideal. A moralidade seria o próprio ato de reversibilidade entre o bem e o mal, que não podem ser separados. Em síntese, a sociedade não pode ser exorcizada; ela é o fruto real de um modelo, de um sistema perverso que provoca a catástrofe e depois procura formas de administrá-la. Diante disso, não se pode apenas conservar a natureza. Não se pode conservar as coisas. É preciso pô-las em jogo, encarar os riscos, sem mascarar as formas do mal. Assim, segundo MORAIS (1999: 17),

A esperança no futuro e a certeza de que fazemos nossa história asseguram-nos que podemos mudar toda prática que não seja dignificante para a humanidade. Por isso mesmo, cabe-nos, como tarefa, não permitir que o trágico se apodere da vida dos homens históricos do presente nem destrua seus sonhos de elevação da condição humana do futuro, razão pela qual o heroísmo daqueles que se têm empenhado na luta por um desenvolvimento sustentável que assegure, senão a melhoria da qualidade de vida imediatamente no presente, mas a possibilidade de sobrevivência da humanidade num futuro próximo, hoje ameaçado por práticas históricas. Esse heroísmo, enfatizamos, merece não apenas nosso respeito e admiração, mas, sobretudo, o nosso engajamento e compromisso definitivo com as idéias que abraçam e defendem.

É impossível manter um modelo excludente e perverso, tal como o vigente, que isola a maioria da população do acesso ao consumo responsável (sob o ponto de vista da sustentabilidade) dos recursos naturais. Para LEFF (2001), a solução da crise ambiental - crise global e planetária - não poderá surgir apenas por uma gestão racional da natureza e dos riscos da mudança global, que nos leva a questionar sobre o

conhecimento do mundo acerca do projeto epistemológico que tem buscado a unidade, a uniformidade e a homogeneidade.

### 3. O Processo de Construção da Educação Ambiental

A Educação Ambiental surge como uma alternativa de manter o equilíbrio natural, tendo em 1889 Patrick Geddes como fundador. Todavia, ganhou novas dimensões como contraponto à crise ecológica estabelecida no final da Segunda Guerra Mundial, quando os países do chamado “mundo desenvolvido” iniciaram uma intensa expansão econômica, formando o padrão desindustrialização e consumo. Posteriormente, a Educação Ambiental estabeleceria suas diretrizes em um período defendido por alguns teóricos como “pós-modernidade”, dentro da perspectiva de uma visão holística, integrada, interdisciplinar e inclusiva como alternativa eficaz para a contenção dos danos planetários. Então, de acordo com REIGOTA (1997: 24), “A educação ambiental deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza”.

Dentre os inúmeros eventos e encontros que caracterizam a educação ambiental, cita-se como um dos principais a Conferência de Estocolmo em 1972, que apresentou como finalidade da educação ambiental:

Formar uma população mundial consciente e preocupada com o ambiente e problemas a ele relacionados, e que possua os conhecimentos, as capacidades, as atitudes, a motivação e o compromisso para colaborar individual e coletivamente na resolução de problemas atuais e na prevenção de problemas futuros (DIAS, 1993).

Já a formulação de princípios básicos para um Programa Mundial de Educação Ambiental foi realizada em 1975, em Belgrado, por meio da Carta de Belgrado, que preconizou uma nova ética planetária para diminuir a pobreza, o analfabetismo, a fome, a poluição, a exploração e a dominação humana.

Na Conferência de Tbilisi, em 1977, definiram-se objetivos, funções, estratégias, características, princípios e recomendações para a EA, que deve ser desenvolvida na educação formal e informal, sobre bases interdisciplinares e voltada para os problemas



ambientais do cotidiano. A educação ambiental foi definida como uma dimensão dada ao conteúdo e à prática da educação, orientada para a solução dos problemas concretos do meio ambiente, através de enfoques interdisciplinares e de uma participação ativa e responsável de cada indivíduo e da coletividade.

Corroborando com essa questão a proposta dos PCNs, quando estes ressaltam:

9

Na Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental de Tbilisi (na CEI, Geórgia), definiram-se os objetivos da Educação Ambiental e o ensino formal foi indicado como um dos eixos fundamentais para conseguir atingi-los. Nessa conferência definiu-se a Educação Ambiental como 'uma dimensão dada ao conteúdo' e à prática da educação, orientada para a resolução dos problemas concretos do meio ambiente por intermédio de enfoques interdisciplinares e de uma participação ativa e responsável de cada indivíduo e da coletividade (BRASIL MEC-SEF, 1998:229).

Em Moscou, no ano de 1987, a EA foi definida com base na modificação de comportamento e nos campos afetivos e cognitivos. Apontou-se um plano de ação para a década de 1990, como desenvolvimento de um modelo curricular, de novos recursos instrucionais, capacitação de docentes em EA, melhora da qualidade de mensagens ambientais transmitidas pela mídia, capacitação de especialistas mediante pesquisa, dentre outras medidas não menos importantes.

Outro importante evento aconteceu no Rio de Janeiro, em 1992, ocasião em que o conceito de educação ambiental foi definido pela comissão interministerial na preparação da ECO-92. Tal conceito indica que:

A educação ambiental se caracteriza por incorporar as dimensões sócio-econômica, política, cultural e histórica, não podendo se basear em pautas rígidas e de aplicação universal, devendo considerar as condições e estágios de cada país, região e comunidade, sob uma perspectiva histórica. Assim sendo, a Educação Ambiental deve permitir a compreensão da natureza complexa do meio ambiente e interpretar a interdependência entre os diversos elementos que conformam o ambiente, com vistas a utilizar racionalmente os recursos do meio na satisfação material e espiritual da sociedade, no presente e no futuro (BRASIL. 1996: 1).

Também nesse momento histórico, houve a aprovação de cinco acordos internacionais: 1. Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento; 2. Agenda 21; 3. Declaração Florestal; 4. Quadro sobre Mudanças Climáticas; 5.

Convenção sobre Diversidade Biológica, 6. Aprovação da Carta Brasileira de Educação Ambiental.

Em setembro de 2002, as Nações Unidas realizaram a Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável (também conhecida como Rio+10), em Johannesburgo, na África do Sul, reunindo líderes mundiais, cidadãos engajados, agências das Nações Unidas, instituições financeiras multilaterais e outros grandes atores, para avaliar a mudança global desde a histórica Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (também conhecida como a Cúpula da Terra, ou Rio-92).

10

No Brasil, a definição oficial de educação ambiental, instituída pelo Ministério do Meio Ambiente, prescinde aos conceitos citados anteriormente, colocando-a como um processo permanente, no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação que os tornam aptos a agir – individual e coletivamente – e resolver problemas ambientais presentes e futuros.

E o Conselho Nacional do Meio Ambiente define a educação ambiental como um processo de formação e informação orientada para o desenvolvimento da consciência crítica sobre as questões ambientais e de atividades que levem à participação das comunidades na preservação do equilíbrio ambiental.

A lei federal nº. 9.795 de 1999 define a educação ambiental como:

O processo por meio do qual o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

REIGOTA (1997) aponta que, felizmente, tem-se tornado senso comum entre os educadores ambientalistas brasileiros a idéia de que a educação ambiental é uma educação política que visa à construção da cidadania. Quando uma idéia complexa e radical torna-se senso comum, corre sério risco de virar-se um clichê ou um *slogan* a mais, repetido por muitas pessoas, perdendo, nos muitos casos, sua veracidade e autenticidade, ou seja, tornem-se vazias de significados aglutinadores e transformadores do cotidiano.

A idéia de educação ambiental com esses princípios enfrenta os totalitarismos e autoritarismos, políticos e científicos, tendo como utopia a possibilidade de uma sociedade democrática, com justiça social, ética e ecologia sustentável.

A educação ambiental apresenta um tempo-espaço que evidencia, sob a marca da contradição, a imperiosidade do diálogo do homem com a natureza em toda a sua extensão e em toda a sua dinâmica. Nesse sentido, o universo de sujeitos mencionado não é aquele que numa concepção ingênua poderia ser assumido como um real indiviso, mas como algo que guarda em si a possibilidade ontológica da diversidade. Aliás, é o que fundam epistemológica e politicamente tanto as pesquisas quanto as militâncias institucionalizadas (a exemplo das ONGs) em torno da inteireza da natureza em qualquer espaço no atual tempo histórico.

Pela leitura dessas diferentes visões de educação ambiental, pode-se perceber que, acima de tudo, a educação ambiental é um processo contínuo de reflexão e ação do ser humano no ambiente, com o ambiente e para o ambiente, promovido pela prática educativa, coletiva ou individualmente construída. A educação ambiental é um ramo da educação que marca a história e redefine os rumos da humanidade e do planeta, resgatando valores de cidadania para o respeito dos seres humanos a seus semelhantes e aos diferentes seres da biodiversidade terrestre.

#### **4. Desenvolvendo a Prática em Educação Ambiental.**

Para melhor compreender e conhecer o espaço da prática desenvolvida faz-se necessária uma breve descrição da instituição onde foi desenvolvida a amostra/projeto, culminando com as práticas e análise discorrida.

O Centro de Excelência Manoel Messias Feitosa (CEMMF), localizado em Nossa Senhora da Glória-SE, no sertão sergipano, conta com cerca de 50 professores, todos graduados, com licenciatura em suas respectivas áreas. Atende a 1.134 alunos, dos quais 465 estudam em regime integral no Projeto do Centro de Excelência do Governo do Estado, com 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e turmas do Ensino Médio. Atualmente recebe alunos dos municípios de Nossa Senhora da Glória, Porto da Folha, Feira Nova, Monte Alegre, Poço Redondo e Canindé do São Francisco, com a proposta de ministrar aulas teóricas e práticas que possibilitem uma melhor aprendizagem.

O currículo escolar imposto pelo MEC, e especificamente do CEMMF, aborda vários conteúdos que tratam sobre meio ambiente, sendo importantes para o desenvolvimento social, cultural e intelectual dos alunos. Entretanto, esses conteúdos são abordados de forma fragmentada, que não fazem relação com a realidade dos alunos e de maneira pouco atrativa, não havendo uma sensibilização com relação às questões ambientais, dando ênfase às questões apenas conceituais e não práticas, levando os alunos a terem como preocupação principal apenas a nota e aprovação.

Os trabalhos sobre meio ambiente no CEMMF foram por muito tempo realizados apenas por professores que lecionam as disciplinas de Geografia e Ciências que, levando em consideração as novas abordagens de educação e interdisciplinaridade, não atendem as reais necessidades de formação integral e cidadania dos educandos, pois hoje sabemos que os docentes das demais disciplinas também devem envolver-se na tarefa de formar alunos conscientes das questões ambientais.

O âmbito escolar é bastante propício para o trabalho da Educação Ambiental, principalmente nas turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio, pois nesse segmento do ensino os alunos estão em processo de mudança e formação de seu caráter e senso crítico de transformação, e nós como professores poderemos estar introduzindo a questão ambiental, sensibilizando-os e motivando-os à conservação do meio ambiente e com isso formando cidadãos mais conscientes, inclusive com uma vida mais saudável.

É notório que a Educação Ambiental é pouco desenvolvida nas escolas, estando muitas vezes ausente na prática de seus professores. Por outro lado, embora sejam propostas algumas atividades relacionadas à preservação do ambiente, tais como a preservação do lixo, o plantio de árvores, a economia de energia e de água, essas atividades estão isoladas dentro dos currículos das escolas, deixando de fazer parte de um programa mais amplo e integrado, não só com os demais conteúdos das ciências como também com as demais disciplinas curriculares.

É preciso que a escola esteja empenhada no trabalho de educar para o meio ambiente. A proposta de atividades e discussões não deve estar centrada apenas nos professores, como se estes fossem os grandes conhecedores do assunto. A escola é formada por professores, alunos e pela comunidade; e assim, todos esses agentes devem estar envolvidos na Educação Ambiental. A implementação de atividades, projetos e conteúdos deve ser realizada de forma democrática e agradável a todos.

Nesse sentido, e também como não existe aprendizado sem mudança de comportamento (REIGOTA 1997), é que os corpos docente e discente do Colégio Estadual Manoel Messias Feitosa realizaram em outubro de 2007 a “Primeira Mostra Cultural e Recreativa sobre o Meio Ambiente”, atividade que a partir desse ano entrou para o calendário anual da escola e que buscou proporcionar aos alunos situações de ensino-aprendizagem visando alternativas para que eles sejam capazes de captar melhor a situação do mundo contemporâneo, entendendo as causas e conseqüências do processo de degradação do meio ambiente, propiciando ações que minimizem as agressões à natureza e principalmente possibilite mudança de comportamento frente à relação homem x natureza.

O incentivo ao desenvolvimento de capacidade e competências do educando fora da sala de aula possibilita sua atuação de maneira mais livre em que aspectos como liderança, agilidade, criatividade e resolução de problemas produzem uma miscelânea extremamente produtiva em que as qualidades individuais fortalecem o espírito de equipe. Ressalta-se também a atuação de alunos que não se sentem estimulados na sala com grandes contribuições, participando ativamente das atividades propostas.

Dentro dessa perspectiva, resalta-se como foram desenvolvidas na escola supracitada as metodologias/atividades elaboradas.

Todas as turmas que formam o centro de excelência do CEMMF foram divididas em equipes de duas turmas cada. A essas equipes foram distribuídas tarefas com a temática central **Meio ambiente**: degradação e conservação. A coordenação dessas equipes ficará a cargo dos professores do colégio, ficando estes incumbidos de orientar e relacionar a temática central aos conteúdos abordados e trabalhados em sua disciplina específica.

Por exemplo, no dia 19/10/2007, no turno da manhã foi montada uma mostra com temas diversificados com a temática central meio ambiente. Esta atividade teve como objetivo que os alunos e professores envolvidos escolhessem temas referentes à degradação do meio ambiente, sendo feita à exposição dos trabalhos à comunidade, ocasião em que se procurou alertá-la para os problemas que afligem o planeta, propondo também soluções para resolvê-los. Dentre os trabalhos expostos na forma de stands, destacamos os seguintes temas: Transposição do Rio São Francisco e suas causas e conseqüências; Implantação da Usina Nuclear no município de Canindé-SE e suas

consequências; Devastação do bioma Caatinga; Reciclagem como forma de uso sustentável dos recursos.

No caso do lixo, por exemplo, a prática da reutilização do lixo seco, como produto reciclado, em atividades educativas não é somente para fazer economia. Ao usar o lixo, devemos ter em mente: o valor do trabalho com as mãos, a consciência de fazer para aprender; o estudo de nossa realidade; a criatividade, a criticidade e a reflexão sobre o material que está sendo trabalhado. Usar o lixo seco como atividade educativa deve ser uma maneira de transformar aquilo que nos incomoda em algo que contribua para transformar nossa realidade.

No turno vespertino deu-se seqüência ao evento com o cumprimento das demais tarefas, todas com o tema **Degradação do meio ambiente**, em que se pôde destacar aqueles que ficaram a critério de cada turma: uma apresentação lúdica ou teatral abordando uma forma de impacto ambiental que ocorre na atualidade, atividade que tentou sensibilizar a comunidade presente no local para a degradação do meio ambiente; Cultivo de uma área verde “Campanha Adote Uma Árvore”, que visa incentivar a proteção às árvores, tanto públicas quanto particulares, conscientizando sobre sua importância para a manutenção da vida com qualidade sobre o planeta, visando também à arborização urbana, pois as campanhas de arborização não costumam levar em conta a importância da manutenção das árvores plantadas, o que pretende ser corrigido pela Campanha Adote Uma Árvore, que atribui um padrinho para cada árvore doada, o qual terá a responsabilidade de plantar, cuidar e substituir por outra em caso de acidente ou morte. Nessa ocasião cada aluno ou pessoa interessada preencheu um termo de responsabilidade (elaborado por cada equipe), solicitando uma muda de árvore, dizendo onde pretende plantar, assumindo o compromisso de cuidar das 2000 mudas de árvores nativas do bioma caatinga, plantadas em locais degradados escolhidos pelos alunos; Divulgação da gincana através da mídia escrita e falada, e corpo a corpo em campanhas com vistas a alertar a população para a importância da sua presença no evento (gerou uma verdadeira mobilização do sertão sergipano, visto que o CEMMF é formado por alunos de seis municípios sertanejos) e também um desfile de moda feito com roupas de material reciclado, confeccionado pelos alunos, objetivando divulgar a Arte e a sustentabilidade do uso dos recursos.

#### 4. Considerações Finais

As ações propostas e executadas criaram uma nova maneira de ver o ambiente entre alunos, professores e comunidade que estiveram presentes ao evento. Essa aproximação da realidade mundial, sem perder de vista os problemas locais, envolvendo as diversas disciplinas do currículo do ensino médio, transformou a Escola através de uma proposta construtivista de ensino, na qual cada aluno teve um papel de destaque na execução do projeto. Dar motivação ao aluno é fundamental para que ele possa desenvolver-se e buscar aquilo de que tanto precisa, ou seja, o motivo de se estudar o que está sendo proposto pelo professor. É importante para este profissional despertar no aluno esse desejo para tornar o ensino desafiador e atraente, alcançando a mudança de comportamento imprescindível para resolução dos problemas ambientais atuais.

A escola dessa forma, deverá ampliar os conhecimentos dos discentes, trabalhando a consciência crítica como meio de transformação social, pois alunos conscientes são cidadãos que se relacionarão com a natureza de forma harmoniosa.

Preservar o meio ambiente significa preservar a vida, uma vida saudável, digna e produtiva, uma preocupação que deve passar pela educação em todas as faixas etárias.

A Educação Ambiental aparece como um instrumento capaz de reeducar o cidadão por conter em seus princípios elementos que possibilitam a reflexão das relações socioeconômicas da sociedade, apontando para novas formas de convivência social. Contudo, raras são as preocupações a respeito das bases conceituais e epistemológicas sobre as quais ela deverá desenvolver-se.

Educação Ambiental não deixa de ser educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara o cidadão para exigir justiça social, cidadania (nacional e planetária), autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza. Ela tende a questionar o próprio conceito de educação vigente, exigindo criatividade, inovação e crítica.

Trabalhar com Educação Ambiental nas escolas, é acima de tudo criar um ambiente de ensino onde professores, alunos e também a comunidade, possam aprofundar seus conhecimentos sobre o meio ambiente, conscientizando-se de que a preservação do meio é de extrema importância e que se não cuidarmos dele hoje, seremos fortemente atingidos, além de colocarmos em risco as futuras gerações.



## Referências

BRASIL, Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9394.htm>. acessado em 18/5/2008.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm). Acessado em 17 de maio de 2008.

COSTA, R. M; MOURA, M. J. S & SILVA, W. C. **Práticas de Educação Ambiental no Colégio Estadual Manoel Messias Feitosa, em Nossa Senhora da Glória**. Aracaju, 2008. Monografia (Especialização em Educação Ambiental) Faculdade Atlântico.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 2ª ed., São Paulo: Gaia, 1993.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa, 2001.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MALERBA, Julianna Eluze Carrera. **Meio ambiente, classe e trabalho no capitalismo global: uma análise das novas formas de resistência a partir da experiência da ACPO**. <http://143.106.158.7/anppas/encontro2/GT/GT17/gt17>. Acessado em 29.12.2006.

MEC. A IMPLANTAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL, 1998. Brasília, 137p.

MORAES, A. O. “Filosofia do desenvolvimento sustentável segundo Stephan Schmidheiny”. **Anais do Seminário Desenvolvimento Sustentável e Poder Local**. Recife. Fasa Editora/UNICAP/AUSJAL. 1999.

OLIVEIRA, José A. Puppim de. **A variável socioambiental nos processos de planejamento do setor turístico**. In: BARBOSA, Luiz Gustavo Medeiros & ZOUAIN, Deborah Moraes (Orgs). **Gestão em turismo e hotelaria** – Experiências Públicas e Privadas. São Paulo: Aleph, 2004. Parte 1, cap. 1, p. 21-36

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1997. (Coleção Primeiros Passos).

SILVEIRA, Dimitri. **Capitalismo: catástrofe para o meio ambiente** [online]. Disponível em <http://www.sr-cio.org/texto/teoria/meioambiente.htm>. Acessado em 12.5.2008.

VENCESLAU, Pedro Paulo. Uma sombra sobre Johannesburgo. **Revista Imprensa**, São Paulo, jun. 2002. Matéria de capa, p. 28-33.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2003. 230p.



